



JUDITH BUTLER E B. F. SKINNER: UM DIÁLOGO POSSÍVEL SOBRE A IDENTIDADE

Diogo Sussumu Okasawara (PIBIC/CNPq/Uem), Carolina Laurenti (Orientadora), e-mail: sussumulg2@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes /Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia

Palavras-chave: comportamentalismo radical, movimentos sociais, identidade

Resumo

Os movimentos feministas norte-americanos da década de 1960 promoveram mudanças políticas e acadêmicas que vigoram até os dias atuais. Em 1990, as produções teóricas daquela época foram retomadas, criticadas e reformuladas por diversas autoras. Dentre elas, Judith Butler obteve destaque pelo caráter político de suas críticas ao pensamento feminista em suas múltiplas vertentes, especialmente no que diz respeito à noção de identidade. No diálogo com outras áreas de conhecimento e também com as teorias feministas, a psicologia é geralmente discutida à luz da perspectiva psicanalítica, sempre mediante a uma série de ressalvas. Destoando dessa tendência, o objetivo deste trabalho foi discutir pontos de contato entre as teses de Judith Butler e de B. F. Skinner a respeito do conceito de identidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza conceitual, cujo método pautou-se na documentação e análise das principais definições e teses de ambos os autores sobre a noção de identidade, e posterior elaboração de uma síntese na forma de um texto. Dentre os dados obtidos, cabe destacar como o uso do termo identidade só se mantém tanto em Butler quanto em Skinner mediante à recusa de uma acepção fundacionalista do conceito. A partir dessa afinidade, foi possível estabelecer uma plataforma de diálogo, na qual uma aproximação entre as pressuposições teóricas de Skinner e Butler sinaliza possíveis consequências teóricas e políticas para ambos os autores.

Introdução





A partir da década de 1960, o conceito de identidade tornou-se foco das discussões políticas e acadêmicas norte-americanas. De acordo com Hall (2004), o interesse pelo tema advém dos movimentos sociais articulados durante esse período. Os participantes desses movimentos argumentavam que as instituições governamentais os tratavam de modo discriminatório de acordo com suas características pessoais. Assim, com o objetivo de denunciar e transformar relações dessa ordem, formaram-se os denominados 'movimentos sociais identitários' (HALL, 2004).

O feminismo, em suas múltiplas vertentes, assume posição de destaque nesse cenário. Com o passar dos anos, as mulheres em luta conquistaram novos espaços, e assumiram posições importantes nos campos de produção científica e filosófica. No início da década de 1990, a fragmentação inerente ao próprio movimento atinge um estado crítico, e diversas autoras como Gayle Rubin e Eve Sedgwick dedicam suas produções a uma avaliação crítica do feminismo. Nesse momento, as ideias publicadas por Judith Butler em seu livro *Gender Trouble* (1999) ganham destaque pelo caráter político de suas críticas à noção de identidade defendida pela teoria feminista em suas múltiplas disciplinas. Em suas considerações, entretanto, a psicologia é investigada apenas em termos psicanalíticos, e geralmente meio a uma série de críticas e ressalvas.

Por oferecer uma perspectiva psicológica distinta sobre o conceito de identidade, o comportamentalismo radical – corrente filosófica proposta por B. F. Skinner – foi contemplado em um possível diálogo com as teses de Judith Butler. Assim, o objetivo deste trabalho foi discutir pontos de contato entre as teses de Judith Butler e de B. F. Skinner a respeito do conceito de identidade.

Materiais e métodos

Foi realizada uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três principais etapas. A primeira consistiu na execução de análises textuais do livro *Gender Trouble* (1999), de Judith Butler. A segunda na documentação em forma de tabelas de todas as ocorrências e definições das palavras-chave *identity*, *personality*, *self* e *idem* em quinze livros da obra de Skinner. E a terceira na elaboração de um intertexto, no qual as informações obtidas nas etapas anteriores foram analisadas e utilizadas para identificar os principais pontos de contato entre as ideias dos autores a respeito da noção de identidade.





Resultados e Discussão

Butler (1999) tece suas considerações problematizando a explicação fundacionalista para a identidade usualmente empregada pela teoria feminista. A autora critica essa tendência caracterizando o fundacionalismo como uma forma de definir sexo, sexualidade e gênero como expressões de substâncias ou essências imunes aos efeitos do tempo e do espaço. Segundo a autora: “o paradoxo interno desse fundacionalismo é que ele presume, fixa e constringe os próprios sujeitos que ele visa representar e libertar.” (BUTLER, 1999, p. 189). Esse tipo de explicação, portanto, legitimaria a exclusão de indivíduos que desafiam a viabilidade da identidade descrita nesses termos.

Pela noção de performatividade, a autora propõe que a identidade seja compreendida como um processo produzido culturalmente, e que as formas que ela assume dependem das condições sociais em que é articulada (BUTLER, 1999). Por fim, a autora sugere que ações políticas que levem a noção performática de identidade em consideração podem superar os problemas característicos da noção de identidade fundacionalista (BUTLER, 1999).

Nas considerações de Skinner (1987), são criticadas concepções que tratam a identidade de um sujeito – sua coerência individual – como um produto de essências ou substâncias. A estabilidade que o corpo e as ações de um indivíduo apresentam não são produtos da ação de um criador, de uma mente ou de uma vontade interior. Para o autor, a forma de um organismo e as ações que ele é capaz de executar ao nascer são resultado de uma história complexa de variação e de seleção natural (SKINNER, 1974). Ao longo da vida, a transformação desse organismo e dos modos como ele age dependerão das condições ambientais (naturais e sociais) em que ele estará inserido. Ao discutir o conceito de *você*, Skinner (1987) afirma: “Você também tem uma história pessoal que é absolutamente única. Sua identidade depende da coerência dessa história.” (p. 136). Assim, contextos estáveis podem produzir e preservar a identidade de um corpo e de suas ações, mas transformações ambientais poderão extingui-la (SKINNER, 1974). A identidade para Skinner (1974, 1987), portanto, é um conjunto de características coerentes de um indivíduo que ocorrem em um determinado período de tempo, e que podem ocorrer de outros modos a depender das condições naturais e sociais responsáveis pela sua produção e manutenção.





Foi possível constatar que a recusa de explicações fundacionalistas para a identidade é comum aos dois autores. Em outras palavras, tanto Butler quanto Skinner não explicam a identidade de um indivíduo como a expressão de uma essência, substância ou fundamento absoluto e imutável, imune aos efeitos do espaço e tempo. O anti-fundacionalismo, por conseguinte, serviu como uma interface pela qual a aproximação entre a discussão sobre identidade dos autores em questão tornou-se possível.

Conclusões

Como Butler (1999) afirma, a recusa do fundacionalismo resulta necessariamente em um distanciamento de uma maneira de explicar a identidade presente em algumas teorias feministas. Nesses termos, por compartilhar do anti-fundacionalismo empregado por Butler (1999), o conceito de identidade defendido por Skinner (1974, 1987) está mais próximo do modelo teórico e político defendido pela autora em comparação com aqueles que ela critica. Esse diálogo, portanto, situa as considerações de Skinner sobre a identidade nos debates políticos contemporâneos. Adicionalmente, a possibilidade de aproximação via anti-fundacionalismo retrata o comportamentalismo radical como uma fonte de interlocução viável para o pensamento de Butler (1999) no âmbito da psicologia.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o apoio financeiro.

Referências

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SKINNER, B. F. **About behaviorism**. New York: Random House, Inc., 1974.

SKINNER, B. F. **Upon further reflection**. New Jersey: Prentice-Hall, Inc. 1987.

